Caro Professor,

Essa atividade é a terceira de um conjunto de sete propostas que podem ser realizadas após a exibição do episódio “Puxando menino – o trabalho de parto”, do programa de vídeo Causos e Falas daqui e dali.

As atividades são compostas por textos, que aprofundam os temas apresentados no vídeo, e sugestões de exercícios a serem realizados pelos alunos.



Após a realização das atividades, seus alunos poderão participar de um jogo interativo, em que seus conhecimentos serão verificados e aprofundados.

O episódio de vídeo, as atividades e o jogo estão disponíveis no Portal do Professor: [http://portaldoprofessor.mec.gov.br/.](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/)

Bom trabalho!



Atividade Literatura de cordel

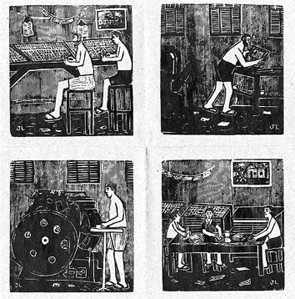
Episódio Puxando menino - o trabalho de parto

Programa Causos e falas

No episódio “Hora de Festar!”, Carolina e Pedro encontram um baú repleto de folhetos. Dona Josefa diz que eles poderão ser lidos em voz alta, durante a festa, caso apareça alguém que saiba ler. Assim, ficou claro que, no ambiente rural nordestino dos anos 30, muitas pessoas eram analfabetas, mas, nem por isso, deixavam de adquirir e apreciar a literatura de folhetos, hoje também chamada de literatura de cordel.

Os primeiros folhetos foram publicados no finalzinho do século XIX, quando alguns poetas populares conseguiram comprar prensas manuais. Elas eram uma espécie de impressora, que funcionava por meio da pressão de uma matriz sobre o papel. Ou seja, mais ou menos como fazem os carimbos até hoje, só que com a capacidade de produzir uma página inteira.

Alguns já usavam as prensas de jornais, mas tinham que aguardar pelos poucos momentos em que as máquinas estavam desocupadas. Por isso, a aquisição de prensas foi um excelente negócio para os poetas que, a partir daí, tiveram mais facilidade para colocar no papel as histórias e as pelejas que já encantavam o público quando eram apresentadas oralmente. O sucesso foi tanto que até as pessoas analfabetas, como Dona Josefa, compravam folhetos e os guardavam para quando aparecesse alguém que fosse capaz de lê- los para elas. Ou compravam, simplesmente,



porque já conheciam a história e gostariam de tê-la entre os seus pertences.

No episódio “Puxando menino, o trabalho de parto”, você viu Pedro lendo em voz alta um folheto. Só de ouvir, você percebeu que se tratava de poesia, claro. O que talvez você não tenha notado é que se trata de um tipo muito específico de poesia, feita segundo regras



definidas há mais de um século e seguidas até hoje. Para entendê-las – e para apreciar toda a habilidade dos poetas e dos cantadores – você precisa conhecer um pouco dos elementos presentes nessas poesias.

Todo bom folheto é composto em versos, que se organizam em estrofes, ou seja, em grupos de versos que partilham relações de sentido. Elas indicam que os versos ali contidos têm uma forte conexão entre si, mais ou menos como acontece com os parágrafos, nos textos em prosa. Muitas vezes, os versos de uma mesma estrofe têm uma só métrica e um ritmo harmônico entre si. As estrofes ganham nomes conforme o número de versos que contém: dístico (dois versos), terceto (três), quadra ou quarteto (quatro), quintilha (cinco) e assim por diante. Os autores de folhetos preferem as sextilhas (estrofes com seis versos) e as setilhas (com sete). Às vezes usam também décimas (com dez versos).

Você se lembra que as formas fixas são boas para a memória, não é? Os folhetos, tendo fortes vínculos com a oralidade, são sempre produzidos a partir de formas fixas. Por isso, cada verso das sextilhas e setilhas deve ter sete sílabas poéticas e cada verso das décimas deve ter 10 sílabas. Além de terem uma métrica fixa, têm também rimas padronizadas. As sextilhas terão rimas no 2º,



4º e 6º versos (ou, para usar a indicação dos especialistas, seguir o esquema ABCBDB). As setilhas seguirão o esquema ABCBDDB e as décimas terão rimas em ABBAACCDDC. Está parecendo complicado? É para você ver como os poetas populares são hábeis na composição de poesias! Seguindo esse es-

quema eles produzem folhetos que têm até 64 páginas e nunca têm menos do que 8.

O número de páginas e a forma poética têm a ver com o tema do folheto. Se o assunto for um fato cotidiano, algo que poderia aparecer em uma notícia de jornal, o folheto terá de 8 a 16 páginas e será composto, de preferência, em setilhas setessilábicas, sendo aceitável também o uso de sextilhas. Se o tema for ficcional, como uma história de amor ou uma



batalha entre dois guerreiros valentes, o poema poderá ocupar de 16 a 64 páginas e deverá ser composto em sextilhas com versos de sete sílabas, sendo possível também usar setilhas e, mais raramente, décimas.

Para atrair o público, além de seguir todas essas regras, a história narrada deve contar com poucas personagens e precisa ter muita ação. De preferência, as estrofes iniciais devem resumir os acontecimentos que serão narrados, para aguçar ainda mais a curiosidade do leitor e do ouvinte, interessadíssimo nas saídas poéticas encontradas pelo autor para contar a história. Anunciando o que vai acontecer, elas ajudarão a manter a coerência e a linearidade do enredo. Os poetas chamam essa ordenação lógica da narrativa de “oração”.



Se você pensava que fazer poesia popular era coisa simples, enganou-se redondamente! Não é nada fácil seguir as regras da poesia popular e conquistar o gosto do público. Os poetas que escorregam nas normas produzem poemas que não são facilmente fixados pela

memória e não agradam ao público.

Saiba Mais

O Projeto Literatura Popular em Versos, desenvolvido pela Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro), disponibiliza o seu grande acervo de folhetos de cordel no site “Cordel – Literatura popular em verso”. Basta visitar: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>



Exercício 1

Essa atividade apresenta um nível de dificuldade baixo.

Leandro Gomes de Barros foi um dos primeiros poetas populares a registrar e imprimir suas composições, no formato de folhetos, no final do século XIX. Ele era paraibano e nasceu em 1865. No começo do século XX, mudou-se para o Recife, onde compunha e imprimia folhetos. Para ganhar algum dinheiro, ele fazia as vezes de autor, editor e vendedor, viajando pelo Nordeste vendendo folhetos e indicando sua própria casa como ponto de venda. Hoje ele é um dos autores de folhetos mais apreciados. Se você ainda não conhece as histórias criadas por Leandro Gomes de Barros, essa é sua chance! Se já conhece, aproveite para apreciar mais uma vez suas habilidades poéticas.

a) Leia o folheto “A Força do Amor”, de Leandro Gomes de Barros, disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\_action=&co\_obr](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&amp;co_obr) a=cinco393.

b) O público tradicional dos folhetos faz muitos comentários enquanto ouve as histórias, fazendo ponderações sobre o comportamento das personagens. Faça como os ouvintes e comente a atuação de Marina, de Alonso e do pai de Marina. Quem tinha razão? Para quem você torceu? Por quê?

No site “Domínio Público”, o folheto aparece com o nome do “autor-proprietário” José Bernardo da Silva. Trata-se apenas do dono dos direitos autorais e não do autor do poema, que é Leandro Gomes de Barros.

É interessante mostrar alguns folhetos para a turma. Caso não haja folhetos de cordel na sua cidade, mostre os exemplares disponíveis no site [http://www.dominiopublico.gov.br.](http://www.dominiopublico.gov.br/) As primeiras páginas do folheto podem ser lidas em voz alta com os alunos, para que eles percebam a forma dos versos e se entusiasmem com a história.



Exercício 2

Essa atividade apresenta um nível de dificuldade médio.

Os vendedores de folhetos utilizam várias técnicas para atrair compradores. Uma delas consiste em ler um folheto, em voz alta, até um momento de forte emoção ou de suspense. Nesse ponto, eles suspendem a leitura e dizem: “quem quiser saber o final, que compre o folheto!” Você vai fazer como eles. Para isso, será preciso selecionar um bom folheto. Eles estão disponíveis em muitos lugares como feiras, mercados, bibliotecas e até em sites. Na biblioteca “Domínio Público” (http://www.dominiopublico.gov.br), no link Literatura de Cordel, você poderá acessar vários folhetos na íntegra e escolher à vontade. Depois, será preciso preparar bem a leitura! Se você ler tropeçando nas palavras, ninguém vai se interessar por seu folheto.

Finalmente, faça a leitura em voz alta e veja quantos “compradores” você consegue atrair.

Crie um ambiente propício à leitura. Em uma feira, quando o vendedor é bem sucedido, forma-se uma roda em torno dele. Você pode simular uma situação semelhante na classe. Se houver recursos disponíveis na escola, você pode propor que os alunos produzam uma animação digital ao invés de uma roda de leitura. Seus alunos podem se inspirar no desenho animado produzido a partir da narrativa de cordel “A árvore do

dinheiro” (2002), do poeta Felipe Pinto

([http://br.youtube.com/watch?v=2psetegMAPwcaU&feature=related),](http://br.youtube.com/watch?v=2psetegMAPwcaU&amp;feature=related)) disponível no Youtube.



Exercício 3

Essa atividade apresenta um nível de dificuldade elevado.

Rodolfo Coelho Cavalcante foi um grande poeta popular e escreveu centenas de folhetos. Ele nasceu em 1917 e era alagoano, mas viveu a maior parte do tempo em Salvador. Em

1982, ele publicou, no jornal Correio Popular de Campinas (São Paulo), um artigo em que

ensinava a fazer folhetos. Leia o artigo “Como fazer versos”.

O cordel de Rodolfo Cavalcante

Como fazer versos...

Não adianta escrever poemas, trovas ou estrofes que não sejam em sextilhas, setilhas, décimas, setissilábicas ou em decassílabo, e vir dizer que é Literatura de Cordel. Muitos eruditos andam escrevendo opúsculos até em prosa dizendo ser Literatura de Cordel.

Quando os versos são compostos em forma de narrativa, têm de ser sextilhas. Um exemplo:

Eu vou escrever um caso Que deu-se lá no sertão, De um rapaz apaixonado Que perdeu sua razão Por amar Ana Maria

Dona do seu coração.

E assim o poeta vai continuando a narração até completar 8, 16 ou mesmo 32 páginas – as mais usadas. Pode, porém, estender-se até 64 páginas. Em cada página cabem cinco estrofes (sendo em sextilhas, como está a estrofe versada acima). Na primeira, apenas quatro – para que o título da História, do Folheto ou do romance fique mais destacado, bem como o nome do autor.

A estrofe em setilhas, também setissilábicas, pode ser desta maneira:

O “Correio Popular” É jornal noticioso Cultural, informativo, Por certo vitorioso,



Um órgão conceituado

De São Paulo, em todo o Estado, De um passado glorioso.

Convém notar a rimação do segundo verso com o quarto e o sétimo, e as rimas no quinto e no sexto versos. Há quem escreva sextilhas com rimas diferentes e também setilhas, mas não é a estrutura oficial da Literatura de Cordel.

Mote: em décimas

Os trovadores cordelistas escrevem em décimas quando se trata de mote. Exemplo: certa vez ouvi um matuto aconselhando a outro dizendo “Quem ama mulher casada não tem a vida segura”. E depois dizia para o companheiro a causa da sua afirmativa. Gostei do mote e meia hora depois começava a escrever o meu folheto: “Quem Ama Mulher Casada Não Tem a Vida Segura”. Começava assim:

“Mato fechado tem alho

E parede tem ouvido,

Da mulher que tem marido Esta porta tem ferrolho, Tem veneno e tem abrolho, É mal que não tem cura, Infeliz da criatura

Quando cai na emboscada... Quem ama mulher casada Não tem a vida segura.”

Uma hora depois havia escrito 24 estrofes em décimas e o livro já estava pronto para ser um sucesso. Sucesso, sim, pois mais de 300 mil exemplares já foram vendidos. Como este já escrevi mais de 50 obras, em mote. Exemplo: “Já Bebi, Não Bebo Mais” é outro folheto que muito tem sido vendido no Nordeste. Vejam os leitores a primeira estrofe:

“Cachaça é vício maldito, Infeliz quem a ela abraça, É a imagem da desgraça, Mensageira do conflito, Enviada do atrito,

Retrato de Satanás,

Uma inimiga da Paz,



Camarada da miséria, Estraga qualquer matéria... Já bebi, não bebo mais.”

Arte e técnica

O tamanho do folheto não deve ultrapassar 11-16 centímetros. Quando maior ou menor, perde sua característica de cordel.

Não adianta querer o poeta mostrar eruditismo sem colocar as palavras difíceis em seus respectivos lugares. O Cordel sempre foi um veículo de aceitação nos meios rurais e nas camadas chamadas populares, porém precisa arte e técnica de quem escreve. Um folheto mal rimado e desmetrificado é um dinheiro perdido de quem empresa a sua edição. Existem folhetos que se tornaram clássicos, quer pelo seu conteúdo, quer pela sua versificação.

Precisa também muito cuidado na colocação do título, que deve ser rápido, sucinto e ter o seu “ponto focal” de atração dos leitores. “O Filho que Surrou a Mãe com uma Mão de Pilão Para Roubar o Dinheiro que Ela Tinha Guardado num Velho Baú, para Brincar o Carnaval” não é título para folheto de Cordel. Este deveria apenas ser intitulado “O Filho que Surrou a Mãe com uma Mão de Pilão”.

A Literatura de Cordel poderia ser ensinada aos alunos do primeiro e do segundo graus, bastando o professor ou professora dar um tema e oferecer um prêmio a quem melhor escrevesse. Por certo muita gente iria aprendendo a escrever trabalhos que, no mínimo, valeriam pela tentativa.

(CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. “Como fazer versos...”. Correio Popular, Campinas-SP, 22 de agosto de 1982.)

a) Quais são as características dos folhetos apresentadas por Rodolfo Coelho Cavalcante?

b) Seguindo as instruções apresentadas por ele, componha um folheto com auxílio de mais quatro colegas. Vocês devem pesquisar uma notícia da atualidade, que tenha despertado bastante interesse, e transformá-la em um folheto. Para pegar o jeito, pode ser bom ler alguns folhetos noticiosos antes de começar a escrever o de vocês. Há vários deles disponíveis no site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (http://www.ablc.com.br).

É preciso prestar atenção aos aspectos formais dos folhetos: número de versos por estrofe, número de sílabas métricas, rimas, implicações da escolha do tema sobre a forma (número de estrofes por folheto, por exemplo), particularidades da crítica social contida neste tipo de texto. É importante lembrar também que os folhetos têm um formato específico. Depois que os poemas estiverem compostos, oriente os alunos para que confeccionem folhetos, seguindo as instruções contidas no artigo de Rodolfo C. Cavalcante. Depois de prontos, os folhetos podem ser expostos para toda a escola ou, até mesmo, para a cidade.



Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. Antologia de folhetos de cordel: amor, história e luta. São Paulo: Moderna, 2005.

Sinopse: Diversificada antologia de folhetos de cordel, com um prefácio narrativo, em tom literário, no qual a autora apresenta as formas e origens deste tipo de literatura, bem como o processo de profissionalização dos poetas populares.

ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1999.

Sinopse: Pesquisa aprofundada sobre as origens da literatura de folhetos nordestina, seus temas e formas poéticas. No livro, a autora refuta a ideia corrente de que o folheto nordestino tenha como origem a literatura de cordel portuguesa.

TERRA, Ruth. Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste, 1893-1930. São Paulo: Global, 1983.

Sinopse: A primeira parte do livro apresenta um histórico sobre a formação do folheto de cordel e examina o processo de profissionalização de alguns dos primeiros e principais poetas populares. A segunda parte aborda a relevância do cangaço e dos conflitos políticos como temas da literatura de cordel nordestina.

Fontes das imagens

Projeto Memória de Leitura, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp -<http://www.unicamp.br/iel/memoria/imagens/LiteraturaPopular/Popular34.gif>